



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Festival de Iemanjá: uma festa afro-religiosa em Belém do Pará; organização e dinâmica**

**João Simões Cardoso Filho**  
**Doutorando em Ciências Sociais pela UFPa.**  
arcadaalianca@ibest.com.br

### **1 - Introdução**

Este artigo pretende contribuir para a compreensão de como uma Festa Religiosa em seu processo de crescimento e transformação interna, pode contribuir para reestruturar um campo religioso. Para tanto, desejo evidenciar como um ritual a Iemanjá iniciado em meados dos anos setenta, vai se tornar uma festa religiosa muito relevante na sociedade paraense, isto é, o Festival de Iemanjá.

Também pretendo salientar o grande impacto que as religiões afro receberam em Belém/Pa na década de '60, quando o Governo Militar exigiu que todos esses “cultos” como essas religiões eram denominadas, criassem uma organização que as congregassem para que se pudesse disciplinar os seus rituais. Por isso, este período será marcado pela fundação de uma Federação Umbandista em meados dos anos sessenta. O Festival foi criado após sua fundação, e se apresentou desde seu início como uma ameaça, neste campo religioso afro; pois a direção da federação nunca condenou esta festa formalmente, como também nunca assumiu o Festival como expressão sua.

As disputas por poder simbólico, entre os organizadores deste ritual e a direção da Federação vai culminar em meados da década de oitenta, com o surgimento da Associação dos Amigos de Iemanjá e, a partir desta da União de Tendas do Estado do Pará formando à primeira vista, dois sub-campos religiosos antagônicos.

Assim o primeiro sub-campo religioso, a Federação Umbandista, irá se consolidar nestas décadas como a maior *expressão oficial e institucional* deste campo religioso, e o segundo sub-campo, a Associação dos Amigos de Iemanjá, se consolidará na organização e controle do “Festival de Iemanjá”, que é a maior *expressão cultural e religiosa* de orixás no Estado do Pará.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Procurou assim privilegiar a análise desses vários momentos de luta pelo poder entre distintos agentes religiosos que não estão fixos nesses sub-campos, mas ao contrário mudam de posição estrutural, transferem-se de um sub-campo a outro, fazem e desfazem alianças, em função de uma disputa por acúmulo de bens simbólicos; em torno de uma Festa Religiosa, o Festival de Iemanjá.

## **2 – O Festival de Iemanjá: uma pequena descrição.**

Disposto a estudar o Festival de Iemanjá, resolvi em 1995 participar dele pela primeira vez. Então, no dia 7 de dezembro daquele ano, fui para Outeiro com milhares de outras pessoas, simpatizantes ou curiosas das religiões de Orixás, que se utilizaram de linhas de ônibus regulares e extras, para participar deste evento.

Como explico em minha dissertação, quando cheguei a Outeiro, observei uma arquibancada bastante grande, erguida num ponto alto encostado à calçada, voltada para o rio, e um grande número de pessoas e policiais organizando um cercado com cordas azuis, que terminava próximo de onde quebravam as ondas. No centro havia uma espécie de mesa, e ao lado, caixas de som. No alto haviam muitas luzes e holofotes. Tudo isso me deu a impressão que iria acontecer algum espetáculo musical após o ritual.

Caminhando na extensão da praia, parei em alguns bares onde as pessoas me comentaram sobre o que iria acontecer naquela noite. Percebi que a expectativa era grande. Em um deles, conversando com uma garçonete fui informado que o Festival de Iemanjá iria se dar em toda a extensão da praia, e que naquele cercado que eu tinha visto, diante da arquibancada, seria realizado o ritual mais importante dele. Ela me aconselhou que próximo da meia noite, eu fosse ao rio banhar os meus pés e minha cabeça e que atirasse a Iemanjá algum presente, fazendo algum pedido com bastante fé, pois “com certeza” seria atendido.

Por volta de 22 horas, voltei em direção ao cercado onde, como várias pessoas me haviam avisado, iria acontecer o ritual principal. Pelo caminho, fui parando diante de vários grupos de pessoas vestidas em branco e azul, que ao longo da praia faziam suas “obrigações”. Observei imagens de Iemanjá com oferendas, flores, comidas, champanhe, perfumes, etc. e muitas velas acesas, de várias cores e tamanhos, em pequenos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

buracos redondos cavados na areia para protegê-las do vento. Por vezes podia-se observar pessoas que voltavam da praia todas molhadas vestidas em branco e azul. Eram pais/mães de santo com seus filhos/filhas de santo que cantavam e dançavam ao som de palmas ou atabaques, dependendo do terreiro observado. Era visível que alguns deles estavam incorporados ou se incorporando.

Ainda pelo caminho haviam muitos salva-vidas, e centenas de militares, caminhando em pequenas escoltas, em fila indiana, fazendo a segurança do pessoal. Por vezes, pude observar jovens sendo presos, ou discutindo com os policiais que desejavam detê-los por alguma razão. No meio desse tumultuo todo, haviam ainda carrinhos de pipoca, pessoas vendendo balões, flores, velas, etc., - além dos bares, que agora estavam apinhados de gente.

Finalmente me aproximei de novo do grande cercado. Até então tinha pensado que o “Festival” estava acontecendo ao longo de toda a praia. Mas tive a grande surpresa de ver centenas de pais e mães e filhos e filhas de santo, dançando e cantando ao som dos atabaques, ao redor de uma grande Imagem de Iemanjá, num enorme espaço reservado para eles em frente da arquibancada, todo iluminado. Fiquei comprimido na corda mas atento a todo aquele movimento cheio de cores, beleza e clima espiritual.

A visão era muito boa, pois os holofotes deixavam o local bem iluminado. Também dava para compreender o que se falava e o que se cantava. Tudo estava numa perfeita ordem. Os pais e mães e filhos e filhas de santo estavam todos muito bem vestidos e maquiados, e ninguém parecia incorporado, nem sujo com a areia, ou molhado com as águas do rio. Já atrás das cordas, perto de onde eu estava, umas quatro mulheres e uns dois homens “pegaram santo” e foram imediatamente conduzidos por alguns rapazes que faziam a segurança da corda para o centro desse espaço sagrado, onde alguns pais e mães de santo os ajudavam a se recomporem e voltarem ao seu estado puro.

Depois de aproximadamente uma hora, saí exausto do meu lugar privilegiado de observação para retornar aos meus passeios anteriores, ao longo da praia, e já quase no final dela. Por todas as partes haviam terreiros e muita gente observando e pedindo conselhos aos pais e mães de santo, que estavam incorporados, com suas calças



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

arreçadas, ou vestidos molhados, os pés sujos e descalços, alguns sentados em pedras ou troncos de árvore - mas mesmo assim, todos com muita devoção, falando baixo e recebendo passes. Depois disso retornei a Belém, por volta das 3 horas da madrugada.

Em 1996 participei do festival como convidado da Associação dos Amigos de Iemanjá (A.A.I., como chamarei daqui em diante). Tinha entrado em contato com seus organizadores, para entender melhor o significado deste evento. Participei de todas as reuniões preparatórias do Festival, na casa de Mãe Lucimar, que era a sede da associação.

Essas reuniões foram fundamentais para eu conhecer e estreitar laços de amizade com estes agentes religiosos, entrar no “clima”, e praticamente na composição da organização do Festival, pois delas participavam em geral todos os terreiros sócios da A.A.I. ou não. Vale ressaltar, que nestas reuniões, minha maior preocupação foi tentar compreender como segmentos de religiões de orixás tão diferentes – mina nagô, mina gege, candomblé, umbanda, mina omoloco – poderiam realizar este evento em conjunto, visto suas diferenças rituais e religiosas, que eu já conhecia, sobretudo pela leitura de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Roger Bastide, entre outros e também pelos diálogos com Anaiza Vergolino.

No dia da festa a casa da Mãe Lucimar foi o grande ponto de referência, o caminhão que ia levar o andor, se posicionou na frente da entrada da casa dela, contendo uma mesa de madeira pregada na carroceria e que iria sustentar o andor com a imagem de Iemanjá. Naquele dia, todos os pais e mães de santo se reuniram ao redor, de Pai Sabá que fez uma oração espontânea, e puxava orações como Pai-Nosso e Ave-Maria, ou a oração de São Francisco que, por serem conhecidas, foram rezadas por todos. O término deste momento foi acompanhado de palmas emocionadas, inclusive com lágrimas. Escutava-se vários vivas à Mãe Iemanjá, e à Mamãe Oxum. Começaram então a entoar cantos sagrados a Elas e em seguida lançaram muitos fogos à escuridão dos céus.

Finalmente, todos se dirigiam a seus veículos que saíram em fila indiana, numa ordem de veículos que foi decidida em reuniões anteriores. No carro-som, sobre a carroceria do qual eu me transportava para Outeiro, Amaury, o mestre de cerimônia foi anunciando a frente do cortejo os momentos especiais via microfone. Após, e em seguida a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

este veículo, vinha o caminhão com as crianças vestidas de iemanjzinhas e marinheirinhos. Depois deste, o caminhão que recolhia as oferendas que eram oferecidas pelo povo nas calçadas das ruas do trajeto da procissão. É o “carro das oferendas” como eles o denominam. Por fim, veio o andor imponente de Iemanjá e a singela imagem de Mamãe Oxum.

Quando finalmente chegamos a Outeiro, por primeiro os abatazeiros se dirigiam com seus abatás para um lugar reservado para eles, próximo ao centro do mega-terreiro. Em seguida, os pais e mães de santo, numa ordem pré-estabelecida pela comissão organizadora, formaram duas filas indianas na entrada do espaço ritual esperando o andor com a Imagem de Iemanjá para acompanhá-La até o centro do mega-terreiro. Somente depois, tanto os convidados como os fotógrafos, cinegrafistas, repórteres, pesquisadores, etc. com a permissão prévia da A.A.I., puderam entrar naquele espaço sagrado.

Nesse momento já tinha uma enorme multidão esperando o cortejo com fogos de artifício, que aplaudiam e se empurravam contra o cordão de isolamento composto por policiais militares(lugar que eu me encontrava no ano anterior). O barulho neste momento foi ensurdecedor, pois tinham aplausos, gritos, assobios, os fogos de artifício; além da intensidade das luzes dos holofotes e dos cinegrafistas e os flashes dos fotógrafos.

Neste ritual diferentemente do ano anterior eu pude entrar em um dos barcos que entrou no rio para jogar as oferendas nas águas de Mamãe Oxum, para que Ela as levasse até Mãe Iemanjá ao desembocar no mar. Era esta afinal a explicação que todos eles davam para o fato de que faziam um ritual a Iemanjá em praias de águas doces, e além disso na data de Mamãe Oxum, na passagem de 7 a 8 de Dezembro. Neste ano eles não incorporavam visto que não era um ritual no estrito sentido, e que haviam várias linhas das religiões afro naquele momento. O próprio nome, Festival, já indicava um novo tipo de festa para homenagear Iemanjá, que foi criado em 1971. E por tudo isso estimulava divergências com a direção da Federação Umbandista. Já no ano seguinte, foi decidido que poderia incorporar na virada pra caboclo, isto é, depois da meia noite, mas que seria encerrado com hora marcada, até a primeira hora da madrugada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

### **3- A Federação Umbandista Paraense: Uma exigência de "ordem e progresso".**

Na década de sessenta, mais precisamente depois de 1964 com o Golpe Militar, o governo brasileiro no Pará, ameaçou fechar todos os terreiros das religiões de orixás, caso eles não criassem uma organização disciplinadora de seus rituais. Isto se deu, pois no imaginário coletivo, ou *habitus*<sup>1</sup> comum, essas religiões eram vistas como estimuladoras de desordem, por apresentarem na sua maioria, rituais noturnos, com toques de tambor, às vezes com matanças de animais, bebidas alcoólicas, charutos ou cigarros, como se pode constatar em jornais da época.

Por isso não é desmotivada a atitude do Governo Militar que exigiu que estas religiões fizessem uma Federação, para congregar todos os "cultos afro-brasileiros", como eram conhecidos, em Belém. Desta maneira, em 1966, nasceu a Federação, com uma diretoria provisória, eleita em assembléia, que tinha por função elaborar um estatuto, e promover uma nova eleição após dois anos.

A Federação Espírita Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará (FEUCABEP) vai estabelecer com os terreiros, e seus sacerdotes (pais/mães de santo) uma relação semelhante a uma "Santa Sé Romana"; pois vai instaurar um exame (rito de passagem), isto é uma prova oral, diante de uma banca com pais/mães de santo da instituição, que avaliará se o recém pai/mãe de santo de um determinado segmento religioso (umbanda, mina-nagô, mina-omolocô, candomblé, etc.), tem condições de abrir seu terreiro como era denominado o espaço sagrado dos que batem tambor, ou uma seara para aqueles que no ritual batiam palmas (VERGOLINO E SILVA, 1976).

---

<sup>1</sup> Esta categoria encontrada nas obras de Pierre Bourdieu, foi reelaborada por ele para evidenciar as capacidades criativas, inventivas e ativas dos valores comuns e das particularidades dos agentes e das instituições, num poder gerador que não é apenas um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, mas sim o de um agente em ação, isto é, o lado atuante do conhecimento prático, como ele explica em "O Poder Simbólico", a respeito da gênese desta categoria: "(...) o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um *capital*, (...) indica a disposição incorporada, quase postural (...) espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço". (1989, ps.61-62)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Com este tipo de atitude, instaura-se em Belém um campo religioso de orixás mais delimitado e regrado, estimulando muitas lutas por poder, uma vez que todo pai/mãe de santo possui poderes diferenciados a partir de seu próprio carisma, e de sua influência social, e não devido a um poder hierárquico instituído. Assim, se estabelece o risco de colocando um pai/mãe de santo na presidência de uma organização que representa todo o campo religioso de orixás em Belém, conceder outros poderes a um “sacerdote” que tradicionalmente não poderia exercer poder sobre os demais.

Pierre Bourdieu em “A Economia das Trocas Simbólicas”, afirma que a religião deverá favorecer o desenvolvimento de um corpo de especialistas – divisão do trabalho religioso – que se incumbirá da gestão dos bens religiosos, o que possibilitará uma moralização e uma racionalização capaz de responder às novas exigências sociais de respostas existenciais, que o novo modo de vida na cidade originou. A constituição de um campo religioso enquanto resultado de monopolização de gestão de bens de salvação, por um grupo de especialistas religiosos, reconhecidos socialmente como os detentores exclusivos de competência para produção e reprodução de conhecimentos secretos, acompanha a gênese de um grupo de leigos, ou excluídos de competência religiosa, por serem destituídos do capital religioso. (1992, p. 39)

A criação da Federação Umbandista dar-se-á de maneira distinta, pois será o Estado Militar, que obrigará os sacerdotes afro a estabelecerem uma instituição religiosa e sua hierarquia, que por isso mesmo poderá ser ocupada por um leigo. Estas transformações no campo de religiões afro no Pará podem ser entendidas melhor sob a luz do pensamento de George Balandier na obra “As dinâmicas sociais. Sentido e Poder”. Pois neste caso, a ordem dos dados que impulsionaram a dinâmica de tais mudanças, partiram de fora do campo religioso. Esta dinâmica mantém relações de exterioridade, ou dinâmicas “de fora”, como denomina Balandier; resquícios do movimento colonizador Luso e branco, em relação a populações negras e escravizadas. Acontecimentos históricos que vão conformar o habitus nacional brasileiro com relação a africanidade: seus traços culturais, e fisiológicos; bem como suas concepções religiosas; que deveriam ser re-colonizadas, ou civilizadas, ou ainda branqueadas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Portanto, com esta intervenção externa de um regime militar, surgem dificuldades em conciliar traços culturais tão distintos: o primeiro que prioriza a “ordem” da instituição, num poder centralizador, e registrado pela escrita; e um segundo que tem sua força no carisma particular de cada pai/mãe de santo, numa tradição mais oral, e portanto com grandes possibilidades de mudanças.

Nesse momento de fundação na década de '60, a Federação se tornará a mediadora entre a repressão militar aos direitos civis e os terreiros, pois tinha legitimidade oficial do Estado, e legitimidade ideológica no conceito de “ordem” (habitus) da maioria dos pais/mães de santo, ou leigos atuantes. A direção desta instituição será disputada por pais/mães de santo famosos e com maior acúmulo de poder simbólico; bem como por leigos como Paulo Ronaldo, que investem na tentativa de estar na direção de uma instituição que poderia se tornar um futuro curral eleitoral; ou do Sr. Cruz que tem mais interesses em defender suas convicções religiosas.

#### **4-O Festival de Iemanjá enquanto ponto central de múltiplos interesses:**

Em 1971, será realizado o primeiro Festival, por iniciativa de um radialista, Ivo Silva, que desejava agradecer Iemanjá pelo milagre da cura de seu filho que tinha um problema na vista que o deixava cego desde o seu nascimento. Uma conhecida sua, dona Celina, que futuramente se tornará uma mãe de santo muito influente, apresentou ao Conselho Ritual da Federação a mãe de Ivo, que desejava solicitar uma licença para fazer uma festa a Iemanjá, na praia do Cruzeiro em Icoaracy, em agradecimento a este milagre.

A diretoria da Federação, apesar de não proibir a realização do ritual, não autorizou que ele fosse feito em seu nome, pois seus dirigentes não aceitavam que se saudasse Iemanjá em águas doces, no dia 8 de dezembro quando se comemora oficialmente Mamãe Oxum, que no calendário católico é Nossa Senhora da Conceição, e principalmente devido ao nome “Festival”. Além disso, este ritual não estava em sintonia com a diretoria da Federação, que realizava obrigação à Iemanjá nas praias de águas salgadas em Salinas, no final dezembro, na passagem de ano.



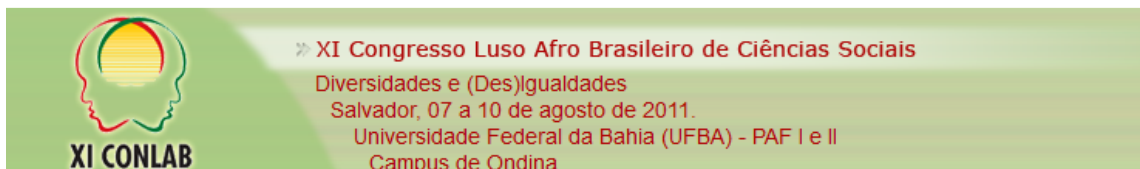
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O fato marcante neste caso foi a cura do filho de Ivo Silva, pois como explica Émile Durkheim nas Formas Elementares de Vida religiosa, a função social da religião não é explicar o mundo, ou criar um sistema de idéias, mas agir no mundo. O homem que crê pode mais, ele afirma. A religião para ele é um fato social, uma necessidade coletiva universal e humana, que enquanto coletividade precede a vida dos indivíduos.

Uma vez obtida permissão de realizar tal evento, Ivo Silva e Dona Celina partiram para convidar alguns pais/mães de santo que já conheciam. Naquele momento frequentavam as reuniões preparatórias, aproximadamente trinta pais/mães de santo e seus terreiros, dos quais, tomaram a frente do evento principalmente aqueles que não mantinham uma ligação profunda com a direção da Federação, ou que já tinham divergências com sua diretoria; e aqueles que não eram muito conhecidos, ou que não tinham muitos anos de carreira religiosa.

Apesar das discórdias doutrinárias, a maioria dos pais/mães de santo da direção da Federação participou dos primeiros festivais. Assim, é possível pensar que, se a festa seguisse os padrões das tradições religiosas e fosse aceita no campo religioso afro, bem como para a sociedade em geral, os pais/mães de santo que faziam parte da diretoria da Federação também já estariam presentes nela, e até poderiam conseguir que no futuro a diretoria da Federação assimilasse o Festival como uma expressão sua. No entanto, se tal acontecimento não passasse de um fato comum e sem expressividade, ou até representasse um desvio das tradições religiosas, a Federação enquanto Instituição estaria resguardada e não seria afetada em sua hegemonia e no seu capital de bens simbólicos.

Com a realização do primeiro Festival, começou a se criar um novo sub-campo das religiões de orixás em torno deste ritual que sobreviveu até os dias atuais. Mas logo após este primeiro momento, o Sr. Ivo Silva e Dona Celina vão começar a se desentender e se ofender por questões pessoais, o que culminará em demandas por parte de Dona Celina. O Sr. Ivo Silva, após sofrer demandas e despachos, que foram atribuídos na época à Mãe Celina, pressão de sua família, além de enfrentar uma série de problemas profissionais, resolveu ir embora sem deixar endereço, ou referência. Essas fofocas também contribuíram para a construção do prestígio pessoal de Mãe Celina, pois embora ela não



fosse ainda uma mãe-de-santo famosa, começou a ficar conhecida pelos resultados eficazes destas supostas demandas, como ela própria pôde me explicar em entrevista.

Mãe Marina nesse ano de 1974, propõe à Mãe Lucimar, ao Sr. Lauro, ao Pai João Guapindaia, e à própria Mãe Celina uma conversa com Paulo Ronaldo para convidá-lo para substituir o sr. Ivo Silva. A chegada de Paulo Ronaldo trouxe maior publicidade e notoriedade ao Festival, pois sua direção contava agora com uma pessoa mais “ilustre e poderosa” que a anterior, isto é um deputado estadual, e radialista famoso. Com ele, Mãe Celina volta a participar do Festival agora com um capital simbólico maior, bem como radialistas “ilustres”, como Iracema Oliveira e Amauri Silveira, e o então Tenente Itacy, da Polícia Militar do Estado, formados em curso superior, eram pessoas “bem relacionadas”, que poderiam conseguir benefícios para o Festival.

Com estes novos integrantes leigos, políticos e radialistas, o Festival de Iemanjá vai ter a tendência de se apresentar cada vez mais com um caráter de espetáculo, para impressionar a população enquanto meio de difundir as religiões afro na imprensa local, e todo tipo de mídia, como também instrumento político partidário para Paulo Ronaldo e depois para Itacy. Além disso, o festival vai começar a precisar de patrocínio de empresas, para financiar a arquibancada, os holofotes, som, e cordas para cercar o espaço, bem como pagamento de ônibus, ou caminhões para transportar todos os terreiros envolvidos na festa; em 1996 inclusive já se fazia camisetas para todos aqueles que participassem como convidados dos terreiros. Além disso, passaram a pedir colaboração de serviços públicos como policiamento por terra e água, ou questões de saúde pública, como ambulâncias e ambulanchas, além de alvará para cercar uma parte da praia em Outeiro. O primeiro Festival vai se dar em Icoaraci e depois vai passar para Outeiro, pois é uma praia maior, e pode sustentar a organização de uma festa maior. Os primeiros festivais não tinham toda essa suntuosidade, e de fato tinham um caráter mais religioso, uma manifestação de gratidão pelo milagre.

Para pessoas como Itacy e Amauri, preocupados com a divulgação das religiões afro na mídia, e no caso de Itacy com sua propaganda pessoal visando as eleições para vereador, a questão de um espaço na mídia em Belém foi fundamental. Por isso eles



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

me explicaram que o festival se assemelhava a uma vitrine que exhibe diferentes vertentes dos cultos afro-brasileiros à multidão. O comando do evento público foi entregue a um leigo, o radialista Amauri Silveira que serve de “mestre de cerimônia” organizando-o também a partir de critérios estéticos que atraia e agrada os espectadores. Ele pede inclusive nas reuniões que não se cante os “pontos” em “língua africana”, mas traduzido para o português, para que as pessoas entendam o que se está cantando.

Na época do Paulo Ronaldo, também se começou a cogitar a importância de se oficializar este grupo, com um nome legal e registro civil, que seria a Associação dos Amigos de Iemanjá. Fato que não aconteceu naquele momento, pois eles ainda acreditavam que a Federação poderia oficializar o Festival como uma atividade sua. Mãe Celina vai assumir um cargo de direção na Federação em 1977, e abrir uma possibilidade de assumir o poder nesta instituição e fazer do Festival uma expressão "oficial" dela.

#### **5- A Associação dos Amigos de Iemanjá se institucionaliza e surge a União de Tendas.**

Em 1980 Paulo Ronaldo vem a falecer o que foi para todos os componentes do grupo do Festival, uma grande tragédia. Mãe Celina fará uma homenagem póstuma ao radialista e deputado, em nome da Federação, sem autorização prévia e oficial desta, o que provocará uma reunião extraordinária no dia 03 de outubro, onde será discutido e reprovado este acontecimento e esta atitude.

No grupo do festival o Sr. Itacy que seguiu os passos de Paulo Ronaldo até sua morte em 1980, e se empenhado em muitas tarefas, começa a assumir a Presidência, uma vez que fora eleito para o cargo em Assembléia Geral em 1981 e 1982. Ele se afastará por dois anos para realizar um curso para sua carreira profissional, período em que Mãe Celina e depois o radialista Amauri, vão lhe substituir. Por outro lado, Pai João Guapindaia também não aceita as mudanças rituais que já começam a se aprofundar com a nova direção, e muito menos que um leigo tome a frente de um ritual, fazendo mudanças nas tradições religiosas; pois o Amauri de apresentador do Festival vai se tornando um “mestre de cerimônias”, função ritual que não existe nas tradições de orixás. Além disso, o Festival



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

começará a deixar de ser uma obrigação de fato, para começar a se tornar apenas uma homenagem a Iemanjá, visto a dificuldade de incorporações no meio de tantas pessoas.

Esta discussão sobre o que é sagrado e o que é profano no festival, ou ainda, o que pode ou não ser permitido enquanto religião se perpetua até os dias atuais. Afinal, como explica Durkheim, o pensamento religioso, ou ação coletiva, atribui arbitrariamente sobre um objeto, para objetivar-se, a qualidade sagrada, em contraposição ao profano. Assim a função social da religião enquanto ação no mundo se dá pelo sagrado. O autor inclusive explica como o ritual se torna o momento social por excelência, que estabelecerá coesão social ao grupo, e que o transportará para momentos de exaltação e delírio em contraposição ao mundo profano que se entedia nas banalidades do cotidiano. No caso deste campo religioso, este ritual, vai estabelecer ao seu redor disputas para saber quem pode dizer o que é sagrado ou profano no momento da festa.

Em 1984, quando Itacy volta de seu curso, será eleito Presidente da A.A.I., tendo por vice a Mãe Celina. Eles vão tentar assumir altos cargos de direção na Federação no ano seguinte, em assembléia geral, para quem sabe num futuro assumir sua presidência. Mas os seus planos não alcançaram êxito. Por isso logo em seguida a A.A.I foi registrada na Secretaria de Segurança Pública em 4/12/1986, e declarada de utilidade pública em 27/11/1990.

No entanto, com o acirramento de lutas por poder dentro da A.A.I., e da associação em relação a FEUCABEP, foi necessária a criação da União de Tendas de Umbanda e Candomblé Seção Pará. Mãe Celina juntamente com Mãe Lucimar, Mãe Marina e outros, em 1982, vão começar a estabelecer os primeiros contatos com a União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, numa festa de Ogum, isto é São Jorge, que foi realizada no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo.

Após este primeiro contato com a União de Tendas Nacional, Mãe Celina, se aproveitando do espaço de seu terreiro e das relações já estabelecidas neste campo religioso, fundará e se tornará a presidente da União de Tendas do Pará em 22 de dezembro de 1987 - um ano depois do estabelecimento oficial da A.A.I. Foi também nesse mesmo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ano que ela foi eleita a presidente da A.A.I., e tentará fazer do Festival uma expressão da União de Tendas, visto que o espaço da Federação já havia sido praticamente descartado.

Após estes momentos começam a se acirrar algumas “brigas e mal entendidos”, principalmente entre o Pai João Guapindaia, Mãe Celina e o então Capitão Itacy que se afastará do Festival por dois anos. Mesmo assim, quando Itacy retornou à Associação em uma Assembléia Geral, Mãe Lucimar, representando o grupo que o apoiava, proporá que ele seja eleito presidente vitalício da Associação. Esta assembléia o elegeu vitalício, em meio a grande tumulto, o que fará com que alguns pais/mães de santo se afastem da associação, principalmente os que estavam ligados à Mãe Celina.

A criação da União de Tendas deixou a direção da Federação bastante apreensiva, pois se outra instituição começasse a distribuir alvarás e a representar também o “povo da umbanda”, poderia retirar o espaço já galgado pela Federação, e diminuir seus recursos financeiros que na maior parte procedem da expedição desses alvarás e das mensalidades dos associados, como me explicou o sr. Cruz.

## **5- Considerações Finais**

Nos anos noventa, a União de Tendas disputará poder com a A.A.I., ainda que de maneira velada, a partir da pessoa de mãe Celina, e depois de mãe Nazaré. Esta última em 1998, após algumas desavenças, se uniu ao grupo da Federação, para tornar-se inclusive amiga do presidente Sr. Cruz, que foi o grande adversário de Mãe Celina e da União de Tendas, bem como do Festival de Iemanjá.

Este ritual foi mudando de tal maneira que em trabalhos posteriores ao meu, como na dissertação de Taissa Tavernard, de 2003, Revisitando o Tambor das Flores, ela afirma que

*“o Festival de Iemanjá é um ritual esteticamente vendável aos milhares de curiosos e fiéis que anualmente o prestigiam. Para seu maior conforto monta-se uma arquibancada cujos ingressos são adquiridos mediante a compra. Os elementos religiosos às vezes são preteridos de forma que, entre os próprios partícipes, não há consenso se o Festival é um ritual sagrado ou um mero espetáculo.*

*Os símbolos são “traduzidos” para facilitar a assimilação por parte do público. Desta forma Amauri Silveira, o apresentador do evento, pressiona os religiosos para*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*entoarem os 'pontos' preferencialmente em português, pois assim poderiam ser acompanhados. O transe, elemento fundamental nas religiões afro-brasileiras, é controlado, possui tempo restrito dentro do evento. As entidades são recebidas somente ao final da cerimônia e logo encaminhadas de volta às 'encantarias'".(2003, p.41)*

Apesar de inúmeras mudanças estruturais, bem como rituais, o Festival sobrevive a todos esses movimentos internos e externos na disputa pelo poder, pois já se integrou às tradições religiosas locais, festejar Iemanjá, na virada do dia 7 para o dia 8 de dezembro. Como vimos no início deste artigo, além do Festival de Iemanjá, acontecem nas praias de Outeiro muitos rituais de terreiros que não se integram a A.A.I.; e que não pertencem ao Festival de Iemanjá.

Mãe Nazaré em 2003, afirmou que o Coronel Itacy, após o falecimento de Mãe Lucimar em 2000, se apossou dos documentos da A.A.I., e transferiu a sede desta instituição para sua própria residência. Este local sediará também, a partir de 2002, a URCABEP, União Religiosa dos Cultos Umbandistas Afro Brasileiros do Estado do Pará, instituição filiada ao Conselho Nacional dos Umbandistas do Brasil (CONUB). A partir do momento que as mães/pais de santo fundadores do Festival iam falecendo ele iria tomando um maior poder na associação, como me explicou Mãe Kátia, a filha de Mãe Nazaré, que assumiu o lugar dela após o seu falecimento em 2008. Por isso ele teria se apossado dos documentos da associação, fundado uma nova instituição a URCABEP, e colocou o Festival de Iemanjá mais atrelado à sua pessoa, que aos sacerdotes da religião.

Como afirma Kátia Mendonça em sua obra, "A Salvação pelo Espetáculo", "O poder busca a eternidade, defendendo-se da morte através da simulação, da mentira, da perfídia, mas também dos rituais, objetos, cerimônias, símbolos e mitos"(2002, p.212). No primeiro festival que participei em 1995, pude observar aqueles dirigentes no centro apresentando os terreiros, e fazendo discursos religiosos. Nessa ocasião, o então Major Itacy, com belas palavras exaltava as religiões afro brasileiras, e era aplaudido também por mim é claro, que ainda nada conhecia das tramas políticas internas, fazendo-me emocionar "O aplauso da multidão ignara convence o próprio demagogo, também ele ignaro, de que é portador de qualidades que não possui" (2002, p. 213). Vale ressaltar, no entanto, que ele



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nunca conseguiu se eleger vereador, pois a “multidão” pode ser ignara em alguns aspectos, mas não todos.

Existem variadas motivações para realizar este ritual entre os diversos agentes que compõe a direção desta festa. E por estranho que isto possa parecer como explica Max Weber, são essas motivações subjetivas, diferentes entre si, que interligadas compõe o momento social, e norteia a sua história. De qualquer maneira em torno deste ritual este campo religioso vai se manifestando como estruturado e estruturante, em torno do qual a unidade do grupo é constantemente reelaborada, juntamente com um significado profundo que dá sentido a estas ações coletivas e a todas estas vidas subjetivas.

### **Referências bibliográficas**

BALANDIER, Georges. **As dinâmicas sociais. Sentido e poder.** São Paulo – Rio de Janeiro, 1976. Difusão Editorial S.A.

BOURDIEU, Pierre - **A Economia das Trocas Simbólicas** - Coleção Estudos Ciências Sociais. São Paulo, 1992. Ed. Perspectiva. Introdução, Organização e Seleção de Sérgio Miceli.

- **Pierre Boudieu. Sociologia** - Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.o 39 - Organizador: Renato Ortiz. Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo, 1983 - Editora Ática.

- **O Poder Simbólico** - Lisboa, 1989 - Difusão Editorial, Lta. -  
Tradução de Fernando Tomaz. Coleção Memória e Sociedade.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco; usos e abusos da África no Brasil.** Rio de Janeiro, 1988. Editora Graal.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa.** São Paulo, 1989. Edições Paulinas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

FURUYA, Yoshiaki. **Entre ‘Nagoização’ e ‘Umbandização’: Uma Síntese no culto Mina-Nagô de Belém, Brasil.** Universidade de Tóquio, 1986.

GOODY, Jack. **A Lógica da escrita e a organização da sociedade.** Lisboa, 1986. Edições 70.

LUCA, Taíssa Tavernard de. **Revisitando o Tambor das Flores. A federação espírita e umbandista dos cultos afro-brasileiros do Estado do Pará como Guardiã de uma Tradição.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

MENDONÇA, Kátia. **A salvação pelo espetáculo. Mito do herói e política no Brasil.** Rio de Janeiro, 2002. Topbooks Editora.

VERGOLINO-HENRY, Anaiza. **“O Tambor das Flores: Uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Pará.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1976.

VELHO, Yvonne Maggie A. - **Guerra de Orixás: Um estudo de ritual e conflito.** Rio de Janeiro, 1975. Zahar Editores.